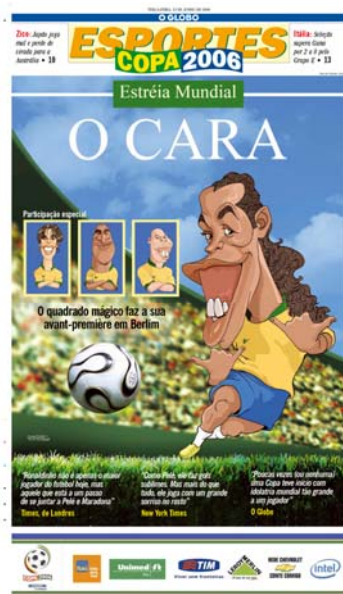


4 A história de uma derrota

A análise aqui apresentada baseou-se na hipótese de que a parte gráfica dos jornais impressos não é apenas um apoio ao texto escrito, podendo criar narrativas, por vezes autônomas, e se concentrou no recorte descrito anteriormente – as capas dos cadernos de esporte dos jornais *O Globo*, *O Dia* e *JB* nos dias dos jogos do Brasil e nos dias seguintes.

Para identificar em que momentos e de que forma essas narrativas gráficas se mostram “autônomas” ou não e quando o discurso gráfico se faz mais presente do que o textual, agrupamos as páginas por jornal.

4.1. Jornal *O Globo*



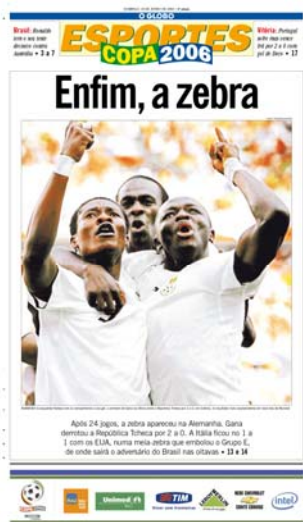
Figuras 40 e 41: Capas do Caderno Esporte Copa 2006, de *O Globo*, publicadas dias 13 e 14 de junho, respectivamente.

Na estréia do Brasil na Copa, dia 13 de junho, o tom de euforia é dado através do estilo da capa do caderno de esportes: quatro caricaturas dos jogadores do quadrado mágico, com destaque para a maior esperança do Brasil na Copa, Ronaldinho Gaúcho. O título, “O CARA”, em letras maiúsculas, ajuda a transmitir o clima de expectativa e a destacar a esperança da torcida e da imprensa no jogador. A paleta cromática usada, em tons de verde, azul e amarelo, também privilegia a torcida e a confiança na vitória, e o tom de seriedade é dado através do uso de uma fonte com serifa (pequenos traços e prolongamentos que ocorrem no fim das hastes das letras), no título.

No dia seguinte, 14 de junho, acontece a primeira aparição do “Bonequinho”. Em posição impassível, como se assistisse a um filme mediano, faz uma crítica que é reafirmada pelo título, agora em caixa baixa, “Suspense até o fim”. O “Bonequinho” assiste passivamente à “cena” de Kaká chutando a gol “projetada” em segundo plano. A euforia do dia anterior dá lugar a uma certa desconfiança, claramente perceptível na capa do caderno, que não publica nenhuma imagem de comemoração, de riso, de alegria. É interessante notar que a mensagem da capa do jornal é bastante diferente. A página é quase que totalmente tomada por notícias sobre o jogo. Uma foto de Kaká, alegre e sorridente, comemorando o gol, ocupa toda a parte superior, tendo acima o título “Uma vitória magra na largada”. A imagem usada sugere uma ótima atuação, o que é contradito pelo título. Existe uma espécie de cautela, como se houvesse medo de comemorar muito uma vitória tão magra. A Seleção não convenceu, é preciso ter cautela. Cautela que pode ser observada na capa do caderno de esportes: na escolha da imagem, na posição de o “Bonequinho”, no título. A foto usada na capa do jornal expressa a felicidade de ganhar o primeiro jogo, mas a capa do caderno alerta para que não se tenha otimismo demais.



Figura 42: Capa do jornal O Globo, publicada dia 13 de junho.



Figuras 43 e 44: Capas do Caderno Esporte Copa 2006, de *O Globo*, publicadas dias 18 e 19 de junho, respectivamente.

No dia 18 de junho, a capa do caderno é dedicada à seleção de Gana que derrotou a República Tcheca. Apenas uma pequena chamada no topo da página fala sobre o segundo jogo da Seleção. Talvez não fosse necessário citar que no dia seguinte a seleção iria jogar contra a Austrália já esta é um adversário sem nenhuma tradição no futebol que não teria como nos trazer muitos problemas: seria tão fácil que não precisávamos perder tempo pensando nisso. No dia seguinte, 19 de junho, novamente surge a figura de o “Bonequinho” para comentar a atuação brasileira. Na mesma posição em que apareceu no dia seguinte ao primeiro jogo, mas em escala menor, ele continua não aprovando o que vê. Tomando toda a página, uma foto do técnico Carlos Alberto Parreira, de braços para trás e queixo para cima, parece dialogar com o “Bonequinho”, que se encontra à esquerda, na altura de seus olhos. O título em letras brancas reforça a crítica do personagem: “Males da teimosia”. Porém, visualmente, a crítica é branda. A escala de o “Bonequinho” é bem menor do que a de Parreira, afinal, apesar da teimosia, vencemos mais um jogo, e também o título se dilui em um fundo desfocado. Talvez ainda se possa ter esperança.



Figuras 45 e 46: Capas do Caderno Esporte Copa 2006, de *O Globo*, publicadas dias 22 e 23 de junho, respectivamente.

Ao chegar à véspera do terceiro jogo da primeira fase, no dia 22 de junho, a capa do caderno de esportes publica uma fotomontagem do técnico da seleção japonesa, Zico, vestido como um super-herói japonês, com o título em letras maiúsculas e vermelhas: “ULTRAZICO”. Nessa página, a referência do super-herói japonês Ultraman se estende até o futebol. Na imagem, o “super-herói” Zico aguarda o adversário com uma fisionomia de quem não tem o que fazer além de esperar o “Ataque”. O resultado da partida inspira, no dia 23 de junho, uma capa com grandes doses de otimismo. O jogador Ronaldo Fenômeno ocupa toda a página, em uma foto em que parece agradecer os aplausos de o “Bonequinho”, colocado timidamente na parte inferior direita (em posição que o deixa invisível se o jornal estiver dobrado) – talvez para não ofuscar o brilho da grande atuação do atacante brasileiro, ou talvez porque a atuação tenha sido bem melhor que as anteriores, mas ainda não a que a torcida esperava. O título “O verdadeiro futebol” também ajuda a criar um clima mais otimista e uma melhor avaliação da atuação da Seleção.



Figuras 47 e 48: Capas do Caderno Esporte Copa 2006, de *O Globo*, publicadas dias 27 e 28 de junho, respectivamente.

Mesmo sem grandes atuações, a seleção brasileira se classifica para as oitavas de final, quando enfrenta a seleção de Gana (no dia 27 de junho). A capa publicada por *O Globo* pode ser lida, à primeira vista, como neutra. Além da imagem de Ronaldinho Gaúcho brincando com a bola, nenhuma outra característica pode ser observada que dê a sensação de otimismo, pessimismo ou de expectativa. Porém, ao olharmos mais atentamente, podemos observar algumas características interessantes. Para *O Globo*, o jogo não é Brasil x Gana, mas sim Brasil X ÁFRICA. O continente aparece imponente, em vermelho em uma escala desproporcional em relação ao Brasil. A dobra da página também privilegia o continente ao mostrar a foto do Rei ganense na parte superior, e o jogador brasileiro e o mapa do Brasil na parte inferior. Aqui, é difícil identificar se o destaque ao continente africano é apenas uma reverência ao melhor time africano na competição ou uma maneira gráfica de apontar o perigo que estava por vir.

Já no dia seguinte, 28 de junho, uma foto de página inteira do jogador Ronaldo Fenômeno comemorando o gol é publicada com o título “Artilheiraço”. Além disso, o “Bonequinho” aplaude três jogadas do Fenômeno. São quatro imagens de otimismo. A crítica não nega que foi um bom jogo, mas o fato de o título estar na

parte inferior da página e com letras minúsculas pode ser um indicativo de uma certa desconfiança frente à irregularidade da Seleção, e do próprio Ronaldo.

No dia da partida das quartas de final, dia 1 de julho, o jogo do Brasil perde espaço para a sátira em relação à desclassificação da rival Argentina. *O Globo* faz referência a um comercial do Guaraná Antártica, em que Maradona tem um pesadelo onde está perfilado com a Seleção Brasileira cantando o hino do Brasil. Ao acordar, ele exclama, “Caramba, que pesadelo!” Uma ilustração de página inteira reproduz a cena final do comercial, mas agora o pesadelo é pior: a Argentina foi desclassificada da Copa do Mundo. O silêncio em relação à partida decisiva do Brasil, que aconteceria no mesmo dia, pode ser lido tanto como medo do que poderia nos acontecer – era melhor comemorar logo a derrota do maior rival enquanto podíamos – quanto como despreocupação – iríamos mesmo ganhar, como estávamos ganhando todas as partidas.

No dia seguinte à partida contra a França, dia 2 de julho, novamente o “Bonequinho” faz sua crítica sobre a atuação do Brasil: levanta-se da cadeira e vai embora, tendo ao fundo a palavra “FIM”, em letras maiúsculas sobre um fundo branco. É importante notar que na página, quando dobrada, apenas a palavra “FIM” pode ser lida, o que pode remeter ao fim da participação do Brasil na Copa 2006; mas a posição em que o “Bonequinho” se apresenta e a sua localização, na parte inferior, fazem uma crítica veemente à atuação da Seleção Brasileira: sempre que é publicado nesta posição, o personagem está dizendo aos leitores do jornal que não vale a pena ver o filme, ou seja, a atuação do Brasil foi abaixo da crítica e “FIM”. Primeiro o leitor vê a



Figuras 49 e 50: Capas do Caderno Esporte Copa 2006, de *O Globo*, publicadas dias 1 e 2 de julho, respectivamente.

palavra “FIM” e apenas depois ele vê a “crítica” da partida: afinal, nem é preciso dizer como foi ruim.

O conjunto de páginas de *O Globo* analisadas mostra uma narrativa jornalística sobre como foi a passagem da Seleção Brasileira pela Copa 2006. Visualmente, o enredo se desenvolve a partir da apresentação dos personagens (capa de 13 de junho) de uma forma leve, descontraída e otimista. Depois se apresentam momentos de dúvida e incerteza (capas de 14 e 19 de junho), e, em alguns momentos, são apresentados elementos exteriores ao enredo principal (capas de 18 e 22 de junho e 01 de julho), até se chegar ao ápice (capas de 23 e 28 de junho) e ao desfecho (capa de 02 de julho).

A narrativa gráfica construída por *O Globo* está de acordo com a narrativa textual em quase todos os momentos, porém em algumas páginas é possível observar que nem sempre o textual e o não-textual se complementam. Um exemplo é a página do dia 28 de junho. Se levamos em conta que o jornal no formato *standard* é vendido dobrado, colocar o título “Artilheiraço” no final da página diminui o impacto visual dessa informação, por mais que na parte superior esteja a imagem de um sorridente Ronaldo. O fato da artilharia de Ronaldo se coloca em segundo plano em relação à vitória da Seleção, porém a imagem do crítico das atuações, o “Bonequinho”, também é publicada na parte inferior da dobra, mesmo ele estando aplaudindo a seleção: ou seja, ganhamos, Ronaldo é o artilheiro, a atuação melhorou, mas ainda é necessário cautela.

Outro exemplo é o da página do dia 19 de junho, em que metade superior da página é preenchida pela silenciosa “conversa” entre o “altivo” Parreira e o apático “Bonequinho”, reforçada pelo título “Males da teimosia”. Sem saber o resultado da partida, o leitor poderia pensar que a Seleção tinha sido derrotada, porém, o que podemos ler é que venceu, mas não convenceu.

Em quase todas as páginas, esse sutil posicionamento, dos elementos visuais nas partes superior e inferior da dobra, criou discursos dentro da narrativa gráfica que trabalharam com entusiasmo e desconfiança. Estávamos ganhando, mas mesmo assim não era prudente comemorar euforicamente. Mas também não era possível

não comemorar tantas vitórias, já que o objetivo máximo do futebol é ganhar a partida, mesmo sem jogar melhor do que o adversário, mesmo sem jogar como a Seleção Brasileira que todos esperavam. Visualmente, essa desconfiança, essa prudência, foi mostrada através de páginas que fizeram uso de referências visuais conhecidas dos leitores e de uma inteligente utilização dos espaços acima e abaixo da dobra: começa-se com otimismo para depois mostrar os problemas e desconfianças.

Em relação às fontes usadas, com exceção das capas publicadas nos dias 13 de junho, que usou uma fonte com serifa, e no dia 01 de julho, onde a fonte usada faz parte da ilustração, todas as outras oito capas analisadas utilizam fontes sem serifa. Esse tipo de fonte, geralmente, é usada, nos jornais, em assuntos mais leves ou quando é necessário causar impacto, já que elas visualmente têm mais peso do que as fontes com serifa: exatamente o caso das capas de *O Globo* analisadas seus títulos precisavam de impacto visual, porém o assunto tratado era leve. Nos momentos de maior seriedade e dramaticidade foi utilizada uma fonte com serifa em caixa alta (maiúsculas) – no dia do primeiro jogo, 13 de junho – e uma fonte sem serifa toda em caixa alta – no dia seguinte à eliminação.

O Globo utiliza um repertório amplo de referências visuais (que vão desde caricaturas, passando por “charges”, até referências publicitárias) para desenvolver sua narrativa gráfica sobre a Seleção e a Copa 2006. A opção pela capa cartaz (**Capítulo 2**) e a utilização do personagem o “Bonequinho” são opções gráficas que ajudam a dar mais elementos de análise ao leitor, mas também, de uma certa forma, eximem o veículo e o jornalista de serem responsáveis diretamente pela opinião expressada pelo “personagem” escolhido. As opiniões mais fortes são sempre mediadas por “alguém” que não é o jornal ou o repórter.

4.2. Jornal *O Dia*



Figuras 51 e 52: Capas do Caderno “Ataque”, publicado pelo jornal *O Dia* nos dias 13 e 14 de junho, respectivamente.

O suplemento de esportes “Ataque”, de 13 de junho, publica em sua capa a foto do relógio da Central do Brasil marcando o horário de início do primeiro jogo da seleção, 16h, em tons de verde e amarelo. As letras maiúsculas em uma fonte sem serifa e em caixa alta fazem do título quase uma ordem: “A hora é essa”. A expectativa está marcada tanto na imagem escolhida quanto no título.

No dia seguinte à vitória sobre a Croácia, é publicada uma foto do atacante Kaká (autor do único gol da partida) comemorando o gol, tendo ao fundo um desconsolado jogador croata. O título também dá a dimensão da partida: “Ele é o Kara”. Aqui também a fonte usada e o tamanho ajudam a dar a mensagem do título um peso maior, ainda mais acentuado pela fotografia do jogador Kaká. Foi o jogo de um homem só. Kaká deu a vitória ao Brasil, que não teve uma atuação digna de sua tradição.



Figuras 53 e 54: Capas do Caderno “Ataque”, publicado pelo jornal *O Dia* nos dias 18 e 19 de junho, respectivamente.

Sem o peso da estréia, no dia 18 de junho, o Brasil se prepara para a sua segunda partida. Diante da atuação considerada fraca pela crítica especializada (e pelos torcedores), Ronaldo Fenômeno é a grande preocupação. E também o “Ataque” demonstra essa preocupação ao publicar em sua capa uma foto de Ronaldo arremessando um dardo, com o seguinte título: “Acerta o canguru”, numa clara referência ao jogo contra a Austrália e a necessidade de uma melhor atuação. Aqui o título e a fotografia criam uma mensagem que pode ser interpretada da seguinte forma: a Seleção precisa melhorar, Ronaldo precisa melhorar, precisa acertar o dardo, precisa acertar seu jogo.

No dia seguinte, na capa, a novamente fraca atuação de Ronaldo Fenômeno fica em segundo plano, afinal, vencemos a partida. O destaque na capa é dado ao atacante Adriano, que dedicou seu primeiro gol em Copas do Mundo ao seu filho recém-nascido. O posicionamento do título, abaixo da fotografia e em linha única, acentua a imagem onde os jogadores parecem seguir, enfileirados, o autor do gol, Adriano, em busca da conquista do título inédito.



Figuras 55 e 56: Capas do Caderno “Ataque”, publicado pelo jornal *O Dia* nos dias 22 e 23 de junho, respectivamente.

Mesmo sem convencer, a seleção chega à terceira partida da primeira fase já classificada, faltando apenas confirmar se em primeiro ou segundo lugar em seu grupo. O adversário é retratado pelo caderno “Ataque” através de uma característica de sua cultura apreciada por uma parcela da população brasileira: a comida. Assim, uma grande foto de alimentos tipicamente japoneses é publicada acima do título “Prato do dia”. É interessante notar que a cor do fundo é o vermelho, cor do Japão, e no prato de comidas destacam-se verdes e amarelos, cores do Brasil. No caso do título, ele se refere a uma expressão do futebol – papar o adversário – que significa derrotar o adversário. Podemos notar a aposta em uma retumbante vitória sobre a seleção nipônica.

Após o jogo contra o Japão, o destaque é a atuação do Ronaldo Fenômeno, que faz dois gols na partida que marca a volta das boas atuações da Seleção Brasileira. *O Dia* interpreta essa melhora publicando uma foto da comemoração do gol de Ronaldo Fenômeno junto com seus companheiros. O título demonstra a superação do jogador em relação aos quilos a mais, preocupação constante desde o início da competição. A Seleção volta a jogar bonito e a sorrir e o que a capa parece dizer é que com a volta das boas atuações de Ronaldo, o time irá se unir em torno dele para conquistar o campeonato.



Figuras 57 e 58: Capas do Caderno “Ataque”, publicado pelo jornal *O Dia* nos dias 27 e 28 de junho, respectivamente.

No embalo da boa atuação contra o Japão, a Seleção enfrenta Gana nas oitavas de final. A confiança volta aos torcedores, mas uma ponta de preocupação transparece na capa do caderno “Ataque” no dia 27 de junho. Nada de jogadores nem sorrisos: a imagem usada é a de um par de pernas (do jogador Ronaldinho Gaúcho, uma promessa que até aquele momento não tinha correspondido às expectativas) arrumando a chuteira ao lado de uma sacola cheia de bolas. O título “Bola por bola...”, abaixo da imagem e com reticências, deixa o clima de preocupação no ar. Ronaldinho Gaúcho, o melhor do mundo, ainda não tinha mostrado todo o seu futebol e a aposta era que “Bola por bola...” ele reencontraria o caminho dos dribles fantásticos e dos gols espetaculares.

Novamente um resultado do favorável e uma apresentação digna da tradição da Seleção Brasileira. O caderno “Ataque” traz uma imagem de Ronaldo Fenômeno comemorando mais um gol ao lado do título “Eu tenho a força”. A palavra “Força” em um tamanho maior dá ênfase a superação do jogador, que chegou à Copa como ídolo, não conseguiu corresponder às expectativas nos primeiros jogos, mas enfim parecia voltar à forma física e técnica.



Figuras 59 e 60: Capas do Caderno “Ataque”, publicado pelo jornal *O Dia* nos dias 1 e 2 de julho, respectivamente.

No dia da partida das quartas de final contra a Seleção da França (01 de julho), o destaque era a eliminação, no dia anterior, da rival Argentina. Diferentemente de *O Globo*, a capa do “Ataque” faz menção, mesmo que discreta, ao jogo decisivo do Brasil. Porém, o principal é chamar a atenção para a derrota argentina, talvez para não pensar sobre a reedição da final de 98 e na irregular, e pouco confiável, campanha que o Brasil estava fazendo. Ou talvez porque a certeza da classificação era tão grande que podíamos nos dar ao luxo de gastar o tempo comemorando a derrota alheia. Os tons azuis usados ajudam a reforçar que o assunto do dia é a Argentina. A referência ao jogo do Brasil é feita através do título “Que só eles chorem” e das fotos de Ronaldo Fenômeno e Ronaldinho Gaúcho. A imagem de Ronaldo, com um sorriso largo e feliz na parte superior, em oposição ao argentino cabisbaixo, acentua a rivalidade existente entre os dois países e a alegria que os brasileiros sentem ao ver o rival derrotado. Porém, o título soa como uma prece: “faça com que SÓ ELES chorem”. O medo de que tenhamos o mesmo destino da seleção argentina é tanto, que a oração se faz necessária.

No dia seguinte, a imagem da página era a redundância inevitável: “Brasil Amarelou”, sob um fundo amarelo. Uma enorme moldura amarela para a tímida foto do atacante Ronaldo Fenômeno de cabeça baixa, com as costas curvadas, uma típica postura de derrota. Na parte superior, duas chamadas e uma foto do triunfante técnico brasileiro na Seleção Portuguesa, Luiz Felipe Scolari. Nada mais precisa ser dito. Também aqui, a imagem e os elementos visuais (cores e fontes) são superiores a qualquer texto que pudesse estar na página.

No caso das capas do caderno *Ataque* analisadas, a narrativa apresentada mostra como o jornal interpretou a passagem da Seleção Brasileira pela Copa da Alemanha. Os elementos não-textuais, que foram basicamente as fotografias e os títulos, ajudaram o jornal a trabalhar a expectativa antes de cada partida. Eles apresentaram os adversários, como no dia 22 de junho, e tentaram transmitir aos leitores que mesmo com os problemas, os jogadores poderiam se recuperar (capas dos dias 18 e 27 de junho). Os resultados são tratados de forma eufórica: a cada partida vencida, os problemas individuais, e as atuações não muito convincentes são esquecidos. Essa postura do caderno pode causar estranhamento, já que, por se tratar de um caderno especializado em esportes, publicado diariamente, era de se esperar opiniões mais críticas. Mas não, o que se pode observar é que o caderno *Ataque* se comporta quase como um torcedor: todas as críticas, todos os problemas são esquecidos quando o time ganha o jogo.

Em relação a diagramação e ao uso das fontes, a única página que pode ser considerada fora do padrão do jornal foi a publicada no dia 22 de junho, antes do jogo contra o Japão: um prato de comidas japonesas. Todas as outras repetem o mesmo modelo publicado em qualquer dia do ano. Desta forma, os elementos visuais estão todo o tempo trabalhando em sintonia com o texto, deixando pouco espaço para qualquer interpretação do leitor. A mensagem é clara e objetiva, não havendo dúvidas ou outras possibilidades de leitura.

4.3. Jornal do Brasil



Figuras 61 e 62: Capas do Caderno Alemanha 2006, que o *Jornal do Brasil* publicou nos dias 13 e 14 de junho, respectivamente.

O *JB* inicia a cobertura dos jogos do Brasil, no dia 13 de junho, publicando uma capa no caderno de Esportes Alemanha 2006 onde se mesclam fotografias recortadas dos jogadores atuando nos treinos, sobre um fundo cinza preenchido por 24 imagens circulares que lembram olhos, tendo, ao centro, uma bola de futebol: todos os olhos estão voltados para as jogadas que o time do Brasil vai fazer. Na parte superior da página, o título “Acabou a brincadeira”, em uma fonte com serifa (pequenos traços e prolongamentos que ocorrem no fim das hastes das letras) acentua a mensagem do título, já que este tipo de fonte tem por característica gráfica a seriedade e a sobriedade. Na parte inferior, uma foto recortada do técnico Parreira em posição de comando mostra que a seleção está preparada para encarar os olhos do mundo.

No dia seguinte, 14 de junho, a vitória, mesmo que magra, é anunciada pelo *JB* com uma foto de página inteira do jogador Kaká comemorando entusiasmadamente seu gol com Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno e

Roberto Carlos. Nessa página, o *JB* faz uso de um antetítulo que diz: “Estréia. Com gol aos 43 minutos do primeiro tempo, Seleção bate a Croácia em Berlim”, e abaixo vem o título: “Kaká: só o talento vence”. Além disso, temos à direita uma coluna de texto aberta com o placar da partida e uma foto de Parreira comemorando o gol.

Os elementos da página criam a sensação de que a partida foi muito boa, o que não é sustentado nem pelo título, nem pelo antetítulo. A Seleção não jogou bem, só Kaká jogou bem. Não foram 90 minutos de alegria, mas sim 1 minuto: o momento do gol.



Figuras 63 e 64: Capas do Caderno Alemanha 2006, que o *Jornal do Brasil* publicou nos dias 18 e 19 de junho, respectivamente.

No dia do segundo jogo, contra a Austrália, 18 de junho, a capa do caderno de esportes é enigmática. Linhas curvas nas cores do Brasil e da Alemanha passam ao fundo de uma grande bola que tem os jogadores Kaká e Gerson (da seleção de 1970) a sua frente. Acima deles, entre as linhas curvas, o título “De oito para oito”, e à direita, uma coluna de texto. Como Kaká foi o herói da primeira partida, é compreensível que ele ganhe destaque no dia do segundo jogo como uma promessa de mais gols, mas e o adversário? E a partida em si? Visualmente, essa página poderia ser publicada em qualquer dia da Copa. Ela é quase atemporal, não

existe nenhuma marca visual que remeta à partida que acontecerá poucas horas depois.

No dia seguinte, a felicidade volta às páginas do *JB*. O jogo foi ganho por 2x0 e a Seleção parece ter superado a estréia fraca. Uma grande foto do jogador Adriano de braços para o alto parece comemorar seu primeiro gol em Copa do Mundo com os torcedores, representados pelo fundo desfocado em tons de verde, amarelo e azul e por uma tarja horizontal com uma colagem de fotografias de alegres rostos de brasileiros. O título, na parte inferior esquerda, é mais realista: “2x0. Valeu a classificação”. Ganhamos, estamos felizes, mas a Seleção ainda não convenceu.



Figuras 65 e 66: Capas do Caderno Alemanha 2006, que o *Jornal do Brasil* publicou nos dias 22 e 23 de junho, respectivamente.

Dia 22 de junho, terceiro jogo da primeira fase. O Brasil já está matematicamente classificado, mas a desconfiança ainda ronda o torcedor. O *JB* traz uma página cheia de elementos, onde se destacam grandes silhuetas de dois jogadores, um em verde e outro em amarelo; à esquerda, na parte superior, uma foto de Parreira com expressão de preocupação, e abaixo, o título: “Seleção sob suspense”. É interessante notar que a área mais nobre da página foi ocupada com uma imagem nada confiante: o técnico da Seleção preocupado. O fato se torna mais interessante ainda se lembrarmos que a Seleção já estava matematicamente classificado,

teoricamente não tínhamos o que temer. Então por que a foto? Estávamos vencendo, classificados, mas o torcedor sentia que a Seleção não estava rendendo o que poderia, não estava jogando o que sabia. E quando chegassem os jogos mais difíceis, os eliminatórios, como se comportaria esse time tão irregular? Aí estava a preocupação de Parreira, do *JB* e de todos os brasileiros.

Mais uma vez a partida foi ganha e, no dia 23 de junho, o *JB* publica uma foto de página inteira do rosto de Ronaldo Fenômeno sorridente, tendo, na parte inferior da página, o título: “Mais que Pelé”. A Seleção fez quatro gols no Japão, passou para a próxima fase em primeiro do seu grupo e Ronaldo Fenômeno quebrou o recorde de gols de Pelé, além de ter recuperado seu futebol. Podíamos ter esperanças, estávamos melhorando, tínhamos chances.



Figuras 67 e 68: Capas do Caderno Alemanha 2006, que o *Jornal do Brasil* publicou nos dias 27 e 28 de junho, respectivamente.

Oitavas de final, dia 27 de junho, o Brasil jogará com a seleção de Gana, a mesma que havia eliminado o Brasil no Mundial Sub-20 em 2001. Vários jogadores das duas equipes estavam naquele mundial e iriam se reencontrar. O *JB* aposta em uma revanche brasileira, ao publicar uma foto de Ronaldinho Gaúcho concentrado, fazendo malabarismos com uma bola, e o título logo abaixo da foto: “Revanche decisiva”.

Outra vitória e uma capa extremamente gráfica é publicada. Cores e desenhos são utilizados para enfatizar o título: “Brasil esgana!”. Além disso, duas fotografias também auxiliam no discurso gráfico: no meio da página, na área do centro óptico, uma foto de um drible de Ronaldo Fenômeno deixa um adversário ganense no chão, e abaixo, uma outra foto de um jogador de Gana ao chão, com expressão de dor, está sendo esmagada por duas grandes mãos que percorrem toda a lateral da página.

As cores usadas, verde, amarelo e azul, ajudam a criar um clima de entusiasmo e esperança no título. É uma capa forte, que realça, através dos elementos gráficos, a superioridade da Seleção Brasileira na partida, e que evoca o orgulho dos brasileiros pela sua seleção. O subtítulo já chama para o próximo jogo, uma reedição da desastrosa final de 1998 contra a Seleção Francesa. Outra vez teríamos uma chance de revanche.



Figuras 69 e 70: Capas do Caderno Alemanha 2006, que o *Jornal do Brasil* publicou nos dias 1 e 2 de julho, respectivamente.

No dia 01 de julho, será realizado o jogo pelas quartas de final contra a seleção francesa. O *JB* se mostra o mais confiante na seleção canarinho dos três jornais analisados. Tons verdes e amarelos, confetes e serpentinas estilizados, imagens de Ronaldo Fenômeno literalmente comendo a bola e Robinho se exercitando, a

Torre Eiffel – que poderia ser interpretada como uma trave por onde entraria os gols brasileiros, ou como as pernas da defesa francesa, por entre as quais passariam as bolas chutadas pelo ataque canarinho – em preto emoldurando o texto que fala sobre a reedição da final de 1998. O título “O show do sábado” ajuda no clima de euforia e confiança: essa é a hora da revanche, é o momento de mostrar quem é o melhor.

No dia seguinte, a “modernosa” vinheta desenvolvida para a Copa do Mundo pelo jornal – alguma coisa parecida com um olho – está murcha, com lágrimas escorrendo, sob um fundo cinza e um tímido título na vertical: “Acabou o Sonho”, além de duas pequenas colunas de texto. A opção pelo fundo cinza cria o clima de decepção, quase depressão. Segundo Farina (1986), a cor cinza é afetivamente associada com tédio, tristeza, decadência, desânimo. Todas as sensações e emoções pelas quais o torcedor passou no dia do jogo contra a França.

O *JB* optou por utilizar fontes serifadas em seus títulos, com exceção de duas capas. No dia 28 de junho, após a vitória sobre a seleção de Gana ele usa uma fonte sem serifa para o título “Brasil esgana!”. Essa escolha se justifica pelo padrão gráfico usado na página, poucos elementos e muitas cores, e pelo próprio título, que necessitava de uma fonte que ajudasse a dar o devido peso à mensagem veiculada. A outra página que foge ao padrão de fontes com serifa nos títulos foi a publicada no dia 02 de julho, após a eliminação do Brasil. O título “Acabou o sonho” é publicado junto à uma imagem muito gráfica. Aqui também era necessária uma fonte que pudesse transmitir a dramaticidade necessária ao momento.

Os elementos emocionais são os mesmos dos outros jornais: tristeza, decepção, indignação.... Mas a forma de traduzi-los em imagens causa um estranhamento ao leitor. Não são formas reconhecíveis como emocionais, transmitem frieza e mecanicidade, não emoções. Talvez o repertório do *JB* esteja distante dos leitores, ou talvez ainda seja difícil perceber quem são os leitores pretendidos pelo *JB*, já que o jornal recentemente passou por uma grande reestruturação, inclusive em relação ao seu formato e projeto gráfico.

Também é possível perceber que o JB se utilizou de todos os recursos gráficos disponíveis para acentuar visualmente as mensagens que estava passando. É como se a cada capa a equipe de diagramação se perguntasse: qual o melhor recurso visual para contar a história de hoje? Ao mesmo tempo em que cria páginas extremamente gráficas, o JB perde em unidade. A não ser pela logo, em alguns momentos é difícil perceber que todas as capas tratam do mesmo assunto: a Seleção Brasileira na Copa 2006.

4.4. A Derrota

Falar sobre coisas boas, ilustrá-las, adorná-las, é sempre mais fácil, mais agradável. Mas e como dar uma notícia ruim? Como narrar um fato triste, decepcionante? A narrativa gráfica sobre a Seleção na Copa 2006 construída pelos três jornais analisados aqui trabalha o tempo todo não só com os fatos, mas com as emoções e expectativas dos torcedores. Decidimos, assim, nos deter um pouco mais nas capas dos cadernos de esporte do dia 02 de julho, dia seguinte ao último jogo da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Alemanha.

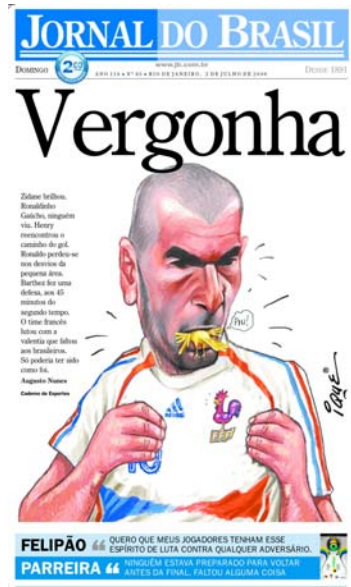
O que nos motivou foi a observação de que, nas capas dos três cadernos que fizeram a cobertura da Copa do Mundo 2006, a utilização de imagens foi recorrente para falar da eliminação da Seleção Brasileira. Também as capas dos jornais foram impiedosas ao tratar do assunto. As imagens escolhidas deram uma conotação de vergonha, de falta de dignidade à eliminação. A história da Seleção na Copa 2006 foi finalizada da pior forma possível e nenhuma justificativa foi encontrada para minimizar a decepção.

4.4.1. Capas dos Jornais



Figuras 71 a 73: Primeiras páginas dos três jornais analisados, publicadas no dia 2 de julho, dia seguinte a derrota da Seleção Brasileira.

Acima, podemos observar como as primeiras páginas dos jornais analisados visualmente apresentaram ao leitor/torcedor a eliminação da Seleção. A que chama mais atenção é a do *JB*, que traz uma charge do jogador francês Zidane literalmente comendo o canarinho brasileiro, com o título: “Vergonha”. Dobrada, essa página tem um impacto muito menor, pois vemos apenas o título e a parte superior da cabeça do jogador (que, com os cabelos raspados, poderia, ao se olhar rapidamente, ser um jogador brasileiro lamentando a derrota). Porém, ao ser aberta, ela causa uma espécie de revolta no torcedor, ao ver o carrasco francês saboreando o canarinho enquanto mostra o mascote francês (o galo) em sua camisa. É quase uma afronta, ao mesmo tempo em que é verdade.



Figuras 74 e 75: Primeira página do *Jornal do Brasil* do dia 2 de julho. A figura à esquerda reproduz a página dobrada, e figura à direita, a página aberta.

O Globo trata o assunto com menos agressividade, mas nem por isso é mais condescendente com a derrota brasileira.



Figuras 76 e 77: Primeira página do jornal *O Globo* do dia 2 de julho. A figura à esquerda reproduz a página dobrada, e figura à direita, a página aberta.

A capa de *O Globo* dobrada mostra apenas o título “França liquida Brasil” e uma foto onde é possível ver o jogador Zidane aplaudindo a torcida ao final da partida, que apoiou o time francês durante todo o jogo. Com a página aberta, podemos ver o jogador Zé Roberto, do Brasil, caído em campo, desconsolado com a eliminação.

Já no caso de *O Dia*, o fato de o caderno “Ataque” ser publicado em um formato diferente do resto do jornal elimina o fator dobra da análise, porém, como o jornal é no formato standard, ao observarmos sua capa essa se torna uma característica importante.



Figuras 78 e 79: Primeira página do jornal *O Dia* publicada em 2 de julho. A figura à esquerda reproduz a página dobrada, e figura à direita, a página aberta.

A forma que o jornal *O Dia* encontra para falar da eliminação é diferente. Nele, o elemento de notícia (porque o primeiro elemento é uma promoção do jornal) é o título: “Volta, Felipão!” – em uma alusão explícita ao ex-técnico da Seleção Brasileira, agora comandando a bem sucedida seleção portuguesa –, seguido de uma imagem do técnico. Abaixo do título, quatro linhas de subtítulo. Dobrado, o que podemos ver, além disso, são partes de três fotografias: a primeira de Ronaldo Fenômeno, fazendo um gesto normalmente utilizado para expressar idiotice de

quem fala ou de uma outra pessoa; a segunda de Ronaldinho Gaúcho, levando as mãos à cabeça em desespero; e a terceira do técnico Parreira, olhando para o céu.

Ao se abrir a página, vemos que cada uma das imagens é seguida de um pequeno título e um texto: “O Gordo”, “O Fiasco” e “O Apático”. Além disso, ainda temos, abaixo, um box preto, com uma fotografia de Zidane fazendo um gesto de silêncio – que pode ser interpretado da seguinte maneira: Zidane deu um cala a boca no Brasil – cercada de dois blocos de texto: um falando sobre ele e o outro sobre torcida dos brasileiros por Portugal a partir daquele momento.

O que vemos nas capas dos jornais é uma repetição do já encontrado nas capas dos cadernos: o uso muito marcado de recursos visuais para falar da derrota. São capas fortes, críticas. Muito mais críticas do que as publicadas durante a Copa, onde os problemas enfrentados pela Seleção já eram visíveis, mas a imprensa parecia não perceber, ou não querer ver. E quando tratava do assunto era sempre de forma sutil: através de metáforas e personagens, pelo uso ou do título, ou da imagem, nunca os dois juntos.